

Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 2017

Ricardo Goldenberg

diremos aqui coisas que só hão de parecer ousadas caso se confunda torcida com relevância.¹

LACAN, 1956

Aos 56 anos, o então psiquiatra e psicanalista didata da filial francesa da API² Jacques Lacan escreve para uma revista *de filosofia*, que comemorava o centenário do nascimento de Freud. Escreve com feroz ironia, páginas mordazes e divertidas sobre a raiz da teoria, da clínica e da legitimidade da formação psicanalítica fornecida pela instituição freudiana. Dois terços do artigo estão dedicados a criticar a teoria detrás da psicanálise “moderna” —como era ensinada e praticada na época. O terço final é uma sátira impiedosa das hierarquias e dos dignitários da instituição a que ele mesmo pertencia e que mais tarde interditaria seu ensino, como é bem sabido. O título da exposição era “Situação da psicanálise e formação do analista em 1956”. Indicar a data servia para anunciar uma crítica de atualidade, não um recenseamento, como é praxe nessas ocasiões. Em 2017 não se comemora nada e eu escrevo para colegas, mas a data no meu título, paráfrase do dele, tem a mesma função de criticar *nossa* atualidade.

De lá para cá, muita coisa mudou. Entre outras, aconteceu o próprio fenômeno Lacan, que transformaria sem remédio, a Instituição Psicanalítica na França e no resto do mundo. Transformando-a ao ponto de a API³ —única instituição a determinar quem podia e quem não podia ser psicanalista em 1956— ver-se confrontada com um duplo bizarro, a EFP⁴, composta por membros do freudismo

¹ Lacan J. (1998). Escritos. Rio: Jorge Zahar (Tradução modificada)

² *International Psychoanalytical Association*, fundada por Freud em 1912

³ Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Freud em 1912

⁴ Escola Freudiana de Paris, fundada por Lacan em 1964

francês que secessionaram junto com o líder rebelde e reivindicavam para si o legado freudiano, dispensando qualquer reconhecimento pela matriz em Londres.

Outra mudança, depois do cisma de 1964, foi a criação de um império lacaniano internacional com espírito ecumênico, lançado à conquista do Novo Mundo depois do falecimento do mestre fundador e que hoje, em franca decadência, não passa de uma paródia e uma sombra do movimento alegre e subversivo que fora nos seus começos.

Isso, sem mencionar os efeitos deletérios daquilo tudo além mar, ou seja, entre nós, que nos analisamos, estudamos e nos dizemos analistas nesta Babilônia, dependentes de traduções mais ou menos sofríveis dos textos da nossa bibliografia essencial, com analistas que muitas vezes pouco tinham a ver com o vaticano freudiano ou com os discípulos do Luthero parisiense e que, em alguns casos, nem sequer tinham sido analisados. E chegamos assim à sexta ou sétima geração de psicanalistas (dependendo de como for traçada a árvore genealógica). Ponhamos, a título de ilustração (um tanto ficcional), e tomando Freud como *causa sui*, ponhamos que eu tenha me analisado (o que já seria supor demais) com Jorge Avenburg, que se analisou com Pichon-Rivière, que se analisou com Melanie Klein, que se formou com Freud. E contamos cinco gerações. Ou então, digamos que eu tenha feito análise com Contardo Calligaris, que se analisou com Leclair, que se analisou com Lacan, que (não) se analisou com Löwenstein, que se analisou com Freud. Isso dá seis.

Todos esses psicanalistas, formados e reformados desde então, desde que a API era a Instituição Psicanalítica, *the one and only*, são reconhecidos como e por quem? Pelos seus pacientes, com certeza. Provavelmente por colegas e amigos, de formação tão *sui generis* quanto a deles. Quem sabe, por professores universitários, muitos deles não analistas. Ou, então, quando entraram em alguma, pelos membros de instituições que de um modo ou de outro reclamam para si alguma filiação com o ancestral comum austríaco. Reconhecimentos de *fato*, posto que de *direito* nenhuma destas instituições pode falar em nome da Instituição Psicanalítica (maiúsculas) fundada por Freud, única ainda apta a fornecer algo parecido a uma autorização diplomada. É este estado de coisas que explica um brevíssimo diálogo entre mim e uma psicóloga de avançada idade, que

encontrei num coquetel festejando a sua admissão como membro da Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Quando me aproximei a cumprimentar, conversava com o presidente e com o tesoureiro da mencionada associação. Me apresentou aos mandarins como: “Este é o Goldenberg, o analista selvagem”. Quem adivinhar o que eu respondi ganha um picolé de limão.⁵

Afirmar (sempre sem provas) que “fiz análise com fulano”, não apenas não garante nada analiticamente falando, como serve para esconder melhor que quem precisa desta chicana provavelmente se garante pouco como analista junto aos pacientes. Joga, como se diz, para a arquibancada. Neste terreno as aspas se multiplicam. Dispositivos como “a certificação do didata” ou “o falho do jury de passe” destinar-se-iam, em tese, a fornecer algo parecido a uma garantia de “análise suficiente” (seria a “normalidade” esperada daquele que se propõe a analisar outros). Sabemos no que tem dado... Nos anos 70, por exemplo, os analistas estavam proibidos de desejar (seria faltar com a “regra de abstinência”). Depois, correu o rumor de que o desejo do analista não apenas era bom como o único que definia um analista digno do nome. O que estava proibido mesmo era... gozar (seria faltar com a “regra de abstinência”, evidentemente).

A Instituição Psicanalítica e a instituição psicanalítica

Não dá para ouvir a diferença, visto que se trata de uma questão de escrita, mas venho usando Instituição Psicanalítica (ornada com majestáticas maiúsculas) e instituição psicanalítica (com humildes minúsculas). A primeira, designa a psicanálise como instituição, a invenção freudiana introduzida na cultura do século passado pelo seu criador. A doutrina reconhecida e comum, incluídas as brigas doutrinárias que geraram diversas cisões, cismas e rupturas ao longo da história, mas que preservam determinados princípios intocados. (Neste sentido, Freud, Ferenczi, Klein, Hartmann, Lacan e Kohut, digamos, fazem parte da Instituição Psicanalítica (maiúsculas); Jung —para citar um clichê—, não. Tampouco a

⁵ “Certo, eu estou fora da jaula.”

Sociedade de Psicanálise Ortodoxa, evangélica, apesar de invocar todos os princípios reitores.⁶⁾

A segunda, designa as instituições ditas psicanalíticas, em plural e com minúsculas: escolas, sociedades, associações, colégios, grupos, seminários, bibliotecas, foros, círculos, que constam da lista telefônica (*incluída* a Sociedade de Psicanálise Ortodoxa, evangélica⁷⁾). Agrupamentos de colegas que possuem um status⁸ determinado na sociedade, como pessoas jurídicas com seus respectivos estatutos⁹, e cujo intuito pode ser educativo, formativo ou assistencial e que mantêm as mais diversas relações com as demais instituições da sociedade. Cabe observar que esta pluralidade deve-se em grande parte à anarquia gerada por Lacan em 1964, visto que antes disso a Instituição Psicanalítica, a ortodoxia, coincidia com a API, criada pelo próprio Freud justamente para preservar-lhe a obra e o método (donde a denominada formação *standard*).

A margem não é marginal

Na minha opinião, quem opta por permanecer fora das instituições de formação pode ser chamado de “avulso” ou de “frila”, até de “franco-atirador”, mas não de “independente” nem muito menos de “autônomo”. Embora seja uma prática bastante solitária —visto que o terapeuta não interage com seus pacientes como um semelhante, ele é antes sua testemunha—, não existe formação isolada no que concerne ao psicanalista.

⁶ E por que não? Porque ao subordinar toda a doutrina à religião, coloca-se necessariamente fora do campo fundado por Freud.

⁷ Ela é uma instituição autoqualificada de “psicanalítica” e consta como tal de fato para a sociedade: tem estatutos, sem contudo fazer parte de direito da Instituição Psicanalítica com maiúscula, no sentido que acabei de defini-la.

⁸ STATUS (Dicionário Aulete) sm. 1. Situação ou circunstância de algo ou alguém em determinado momento; condição; conjuntura 2. Antr. Soc. Posição hierárquica em um grupo ou em uma organização, e que implica determinados direitos e obrigações. 3. Antr. Soc. Essa distinção dos elementos de um grupo, concebida como uma das causas da estratificação social.

⁹ ESTATUTO (dicionário Aulete): sm. 1. Jur. Lei orgânica que estabelece os princípios de funcionamento de uma instituição, empresa, entidade, associação etc., ou de um setor, segmento etc. (estatuto do clube, estatuto previdenciário); regu-lamento; regimento 2. P.ext. Regulamento ou código com significado e valor de lei ou de norma: estatuto da criança e do adolescente.

Cada um se vincula de seu modo peculiar com a Instituição Psicanalítica, e ainda que não seja membro de nenhuma instituição psicanalítica,¹⁰ aquela relação passa necessariamente por outros. Tudo na psicanálise diz respeito aos outros. A neurose é uma doença relacional e a sua cura, também. De tanto repetir fórmulas como “não há relação sexual” ou “o psicanalista só se autoriza (a partir) de si mesmo” foi esquecido que nos analisamos com alguém, supervisamos com um colega, estudamos com um ou mais mestres, lemos livros escritos por outrem (e precisamos de um interlocutor para saber se entendemos algo do que temos lido). Não apenas não somos autônomos (as leis que nos determinam vêm de fora, não de nós mesmos), como tampouco somos independentes. Ao contrário, precisamos estar bem cientes das nossas dependências (a começar pelo sintoma que nos determina e pelo qual nos analisamos) para podermos praticar a mínima “atenção flutuante”, sem projetar nossos preconceitos ideológicos sobre aqueles que “associam livremente” para nós.

Alguma vez escrevi, parafraseando Breton, que a psicanálise seria marginal ou não seria. Não queria dizer com isso que ela devesse estar segregada como charlatanismo (temor de Freud) ou que os psicanalistas fossem excluídos do centro da cena social de um modo ou de outro, mas que a própria operação analítica, tanto quando se trata da crítica da cultura quanto da clínica das doenças ditas mentais, consiste em intervir nos discursos dos autores (as suas obras) ou dos pacientes (os seus sintomas não deixam de ser obras suas, embora não se reconheçam nelas como autores). Intervir desde um ponto que sem ser-lhe exterior tampouco pode considerar-se interior. A noção de *borda*, de fronteira ou de margem serve como figura para pensar o conjunto desses pontos sem os quais falar em dentro ou fora careceria de sentido¹¹.

Isto que pode parecer tão abstrato não o é em absoluto. As chamadas¹² “formações do inconsciente” (sonhos, atos falhos, piadas, sintomas,

¹⁰ Divisão inaceitável, insisto, antes de Lacan. Freud era claro a esse respeito: “se não o conhecemos, não é um dos nossos; não é psicanalista” (escreve isso em “Podem os leigos exercer a psicanálise?”)

¹¹ É muito precisamente para encontrar um modelo para esta operação que Lacan lançou mão da geometria topológica na década de 60 do século passado. Cabe acrescentar ali a tantas vezes mencionada “cortadura”, o ato mediante o qual se traça uma borda ou uma fronteira.

¹² Por Octave Mannoni.

esquecimentos, equívocos, trapalhadas) são o rebotalho dos discursos manifestos, intencionais, oficiais, científicos, instituídos, classificados, mas nada tem de abstratas, embora sejam via de regra desconhecidas. É a partir desta produção desclassificada dentro do classificado; desqualificada dentro do qualificado, extraoficial dentro do oficial, enfim, inconsciente dentro da consciência e autorizando-se nela, que um analista pode agir. A sua é a arte¹³ de saber estar e permanecer nas margens em cada situação à qual é convocado como analista¹⁴.

É a postura que deve *tentar*, o que de nenhum modo quer dizer que consiga, quando recebe um paciente, mas também ao ser convidado a falar na TV ou no rádio, a escrever no jornal, ou a participar de debates políticos ou de opinião. Note-se que *permanecer na margem não é ficar à margem*. O psicanalista não está fora do jogo: joga desde a beira. Não se trata de ser neutral ou de ficar em cima do muro, mas de saber identificar o ponto em que aquele que fala desconhece o seu próprio lugar naquilo que está dizendo. É o que poderíamos denominar “seu lugar”, o lugar do psicanalista, fora do qual a sua intervenção deixará de ter qualquer efeito subversivo.

O nosso lugar é a *margem*. Isto se aplica também e sobretudo aos pacientes que nos procuram como representantes da Instituição Psicanalítica. Se aceitarmos semelhante investidura não haverá análise para nenhum deles, ainda que o dispositivo (consultório, divã, poltrona, regra fundamental) seja formalmente aplicado. Ou, mais precisamente, porque não é bem em relação à Psicanálise (maiúscula) que somos marginais, mas ao próprio discurso instituído pela neurose do nosso paciente: não seremos ouvidos estando dentro, como estão seus amigos, seus parentes, seus empregadores e funcionários, enfim, seus amores; mas tampouco poderemos afetá-lo estando fora. Dito de outro modo, não haveria rebanho sem pastor, mas este não faz parte do rebanho, embora seja o único que pode identificar-lhe os limites. Já que a fronteira é o que jamais aparece para

¹³ Para evitar mal-entendidos, digo “arte” no mesmo sentido em que diria que a arte do engenheiro é desenhar e realizar belas e funcionais estruturas: não seria possível sem a matemática e a física adequadas e que ele deve conhecer como ninguém.

¹⁴ Digo “enquanto analista” porque como cidadão não é analista, ainda que esta seja a sua declarada profissão, suporte da sua identidade social, vale lembrar.

aquele que está imerso em uma situação, em um discurso, em uma obra. Espero não forçar a imagem se disser que, numa psicanálise, uma das ovelhas será levada a reconhecer as beiradas que delimitam o rebanho de que faz parte. E espero que mais tarde ninguém diga que Goldenberg deseja ser pastor e não sabe.

Resta perguntar-se sobre as estratégias diferentes para intervir desde a margem, tanto nos discursos dos nossos analisantes como nos discursos sociais —fora dos locais onde o dispositivo analítico funciona e pode ser exercido—, sem aviltar a especificidade e a razão de ser do que chamamos “o discurso da psicanálise”. O debate continua aberto.

Comentário de “Situação da psicanálise e formação do analista em 1956”

Quando Lacan escreveu esse texto, no qual dissecava tanto o modo como a teoria analítica era compreendida na época, como as consequências práticas de tal compreensão, ainda estava bem habilitado para dizer o que disse, visto que falava “de dentro”, como ele mesmo observa no segundo parágrafo:

Psicanalista nós mesmos e por muito tempo confinados em nossa experiência, vimos que ela se esclarecia ao fazer dos termos em que Freud a definiu o uso que lhes convém, não como preceitos, mas como conceitos.¹⁵

O encerro na experiência é aplicar o método esquecendo que depende de uma teoria. As regras técnicas se derivam de conceitos. E sair do confinamento é pensar “a situação verdadeira e a formação válida”. Quer dizer, “a situação real e a formação dada”. É disso que “gostaria de dar conta, e para um público maior”. Ou seja, dispõe-se a descrever como as coisas estão e como se ensina a psicanalisar, a leitores interessados não especialistas (lembro que se trata de uma revista de filosofia). Não seria inoportuno, acrescenta a seguir, ocupar-se de como os analistas vivem, para se ter uma ideia de como entendem a psicanálise.¹⁶ E

¹⁵ Lacan J. *Écrits*, Paris: Seuil, 1966. P. 459.

¹⁶ Escrevi sobre isso em outro lugar (cf. “Feios, sujos e malvados”, conferência no *XXV Encontro Anual do Centro de Estudos Freudianos de Recife. “A identificação”*. 2 a 4 de novembro de 1995.

observa que se a comunidade científica segrega esta última, isto se deve a que os praticantes não sabem comunicar o que fazem. E mais, que resulta engraçado constatar o entusiasmo dos colegas quando alguém vindo, por exemplo, da biologia pavloviana, do reflexo condicionado, os reconhece e os autoriza.

Se pudemos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo.

Lacan, então, como o Rei *Ubu*, de Alfred Jarry¹⁷: “Viva a Psicanálise! Porque sem Psicanálise não haveria psicanalistas.” Depois disso, começa a desmontar, literalmente, a psicanálise em questão peça por peça, começando pela “noção” (sic) de frustração”, que não existe em Freud, mas fundamentava a prática que se fazia naquela época. Tal noção, diz, foi atribuída a Freud por não se ter compreendido o verdadeiro significado da palavra *Versagung*, nomeadamente, pela confusão do registro simbólico com o real.¹⁸ A noção que rege a psicanálise lacaniana hoje em dia é a de gozo, e ainda grossa a mesma confusão entre simbólico e real de sessenta anos atrás.

Por enquanto, salientemos o seguinte: “a coisa que se apreende na relação analítica é o significante.”¹⁹ Na *relação analítica*, não na linguística, ou na literatura, ou na filosofia, ou na sociologia, ou na antropologia. E o que se apreende ali não são sentimentos nem comportamentos mas “significantes”. Em seguida, acrescenta que os termos de Freud, tratados como conceitos, “não correspondem a nada que se dê imediatamente à intuição.”²⁰

Ora, esta é precisamente o que se substitui a eles ponto a ponto, através de uma aproximação que só pode ser grosseira, e tal que podemos compará-la ao que é a idéia de força ou de onda para alguém que não tenha noção alguma de física.

Para quem não faz idéia do que significam força ou onda em física, tais palavras não são conceitos mas figuras alegóricas das suas vivências. E por isso falará de

¹⁷ *Ubu Rei*, peça de teatro de Alfred Jarry, de 1896. A personagem declara: “Viva Polônia! Porque, sem Polônia não haveria poloneses.”

¹⁸ Aqui Lacan traduz *Versagung* como renúncia. Em outro lugar, diz tratar-se de faltar com a palavra dada, quebrar uma promessa. Em todo caso, não se trata de necessidades insatisfeitas, mas de demandas bloqueadas.

¹⁹ *idem*, p. 460

²⁰ *Ibid.*

ondas positivas ou negativas, para se referir a pessoas alegres ou soturnas, ou de forças do bem ou do mal, para denotar influências benéficas ou maléficas vindas dos outros. Lacan insiste em dizer que os termos de Freud são conceituais porque uma teoria os torna tais. É dela que depende a prática, porque a condição da experiência é a teoria, não o contrário.

O inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, ponhamos, não são dados empíricos de observação. São conceitos que criam as condições para um método, do qual decorre uma experiência que, por sua vez, faz existir aqueles conceitos. Não são entidades. Fora do campo em que esse método opera e da experiência que faz possível, tais conceitos se referem a coisas que não existem. O que se está dizendo quando alguém declara, por exemplo, que a sua libido está baixa por conta dos antidepressivos que está tomando? Que do mesmo modo que a taxa em seu sangue de uma substância da qual escutou falar e que se denomina “serotonina”, responsável pelo seu desânimo, é inferior a um nível normal, a taxa de outra substância, esta responsável pelo seu desejo sexual, também estaria por debaixo de um determinado patamar. Por outras palavras, fora do campo analítico, no sentido epistemológico de termo, não há nem inconsciente, nem repetição, nem transferência, nem pulsão, nem libido. Esta observação epistemológica continua válida, malgrado a opinião de alguns que consideram superada a epistemologia de Lacan e datada a sua concepção de ciência. Voltarei sobre tal e tanta modernidade mais adiante.

A “clínica psicanalítica” não é outra maneira de chamar a “experiência de fazer análise”. A primeira inclui o arcabouço de conceitos e a formalização que fazem possível a segunda. E isso vale tanto no plano das elaborações nosológicas quanto no da compreensão dos percursos dos tratamentos, como também nas teorizações das mudanças que a intervenção analítica produz nos pacientes. A clínica psicanalítica comporta uma abordagem racional da experiência analítica. A intuição ou o talento particular para este *métier*, inegável em muitos colegas, não basta em absoluto. Donde a insistência de que o psicanalista deve dar razão de sua prática. A eficácia do seu ato -o do analista- não é suficiente, a transmissão da psicanálise depende sempre de que o psicoanalista seja tanto o responsável por um ato e seus efeitos como dedicado a teorizá-los.

É isto precisamente o que Lacan pretende com o texto que comento, mostrar aos filósofos e, por tabela, aos psicanalistas –seu verdadeiro e sempiterno destinatário– quais são as razões detrás da prática analítica em 1956.²¹ Se a preeminência da noção de “frustração”, que orientava tal prática, resultava da confusão entre simbólico e real, o mal-entendido em relação ao conceito de *transferência*, que fundamenta o uso clínico prevalente da noção de *resistência*, deriva da confusão dos registros simbólico e imaginário, decorrente, pensa Lacan, da história mesma da psicanálise. De como essa história foi sendo escrita. Pede desculpas por usar uma “fórmula tão abstrata”, mas esclarece que a está usando “à maneira da fórmula geral da gravitação num texto de história das ciências”. Em outras palavras, se estivessemos falando da teoria ptolomaica do cosmos, aquela fórmula não serviria para nada. Ela só é útil depois de Galileu e Newton. Guardando as devidas proporções, trata-se de uma advertência aos colegas de que, caso continuassem pensando os conceitos fundamentais da psicanálise com os velhos paradigmas freudianos, estariam como um ptolomaico do século III, para quem o conceito de gravidade não faz o menor sentido. Os psicanalistas precisam situar as coordenadas do campo no qual operam *seus* conceitos, e Lacan propõe RSI: real, simbólico e imaginário. Que significa esta proposta? Que os conceitos psicanalíticos tenham a mesma definição ajustada que os conceitos de força e de onda tem para a física moderna; que não se percam na intuição que cada um de nós pode ter deles a partir de uma experiência não pensada.

Este era o estado da arte no ano do centenário do nascimento do criador, e as razões históricas de que assim estivesse deviam-se, pensava Lacan, à procura dos analistas, seus contemporâneos, por algo que fosse transcendente ao discurso do paciente. E por que precisavam de algo mais fundamental? Porque imaginar que a razão dos sintomas estivesse na linguagem parecia superficial demais. Buscavam uma essência mais profunda, mais palpável e visceral para o sofrimento neurótico. E na época, acreditaram achar esse mais-além no “afeto, na vivência, na atitude, na descarga, na necessidade de amor, na agressividade

²¹ Cf. <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/o-fracasso-segunda-aula3.pdf>

latente, na armadura de caráter e no ferrolho da defesa”.²² Tudo isso os levou a “introduzir no ensino uma exigência inédita: a do inarticulado.” Como eles usavam a categoria de palavra e não a de significante, que é justamente a que Lacan tenta introduzir, para dar uma nova racionalidade à doutrina, isso os levou a tentar encontrar as causas do sintoma em algo que estivesse fora do relato. À falta de conceito de significante, os analistas foram levados a procurar a essência das paixões fora da linguagem. E onde ela poderia estar, a não ser no corpo?

Vocês dirão que os tempos mudaram e esta crítica de Lacan a seus contemporâneos não se aplica aos nossos. É verdade que todas aquelas categorias subjetivas; aquelas referências psicológicas à alma ou à paixão humana foram abandonadas, junto com as obras de Sartre, à poeira dos sebos. Mas, não assim o designio de encontrar o fundamento último no corpo. Basta abrir o *YouTube* para conferir como lacanianos de pura cepa dizem hoje exatamente o mesmo que aqueles pos-freudianos ultrapassados, apenas usam outras categorias: chamam aquilo que estaria além ou aquém da linguagem de real e de gozo.

Um deles, que não poderia ser mais oficial, explica que existem duas clínicas em Lacan, uma, já superada, que seria válida para o século XX, baseada no simbólico, no sentido e no Complexo de Édipo e uma outra (inconclusa: afinal o homem faleceu em 1981), válida para o século XXI, baseada no real —entendido como os modos de gozo, pelos quais o paciente deve responsabilizar-se, no sentido do “tu és isso”.²³ Nas palavras dele: “Você opera sobre a forma de se satisfazer de uma pessoa”. Isso seria, segundo ele, o “ato analítico”. Depois, como numa clínica de emagrecimento, escreve na lousa duas colunas: “antes” e “depois”. Antes era o sentido, depois, o ato. Antes era a travessia da fantasia, depois, a identificação ao sintoma. Antes, era a clínica do desejo, hoje, a clínica do gozo. Antes, a psicanálise era do simbólico, agora, do real. E acrescenta, pamem!, que o real é a responsabilidade. Insisto, o real seria para ele a responsabilidade subjetiva. Se quiserem, durante o debate, podemos comentar

²² Quem esteja à par da história da psicanálise, saberá a quem se refere cada uma destas alusões.

²³ Forbes in <https://www.youtube.com/watch?v=KWkEMR7CbS4>, 2009.

melhor este contrasenso. E, como a cereja do bolo, para que se veja que esta modernidade toda cai sob a mesma crítica que Lacan fazia ao psicanalistas seus colegas há mais de 60 anos, antes era a clínica da palavra, hoje, a clínica fora da palavra.

Este último ponto merece que nos detenhamos um instante. No texto de 1956, lemos que “somente a psicanálise está em condições de *impor ao pensamento*²⁴ [a primazia do significante sobre o significado], demonstrando que o significante prescinde de qualquer cogitação, até das menos reflexivas, [...] para se manifestar [no sujeito] mediante a intromissão alienante em relação à qual a noção de *sintoma* adquire na análise um sentido emergente —o sentido do significante que conota a relação do sujeito com o significante.” O sintoma é um significante, não uma palavra, e não remete a nenhum significado mas à relação do analisante com o significante. Faço observar, voltando à mencionada cereja do bolo, que, fora da palavra estaria o inefável, o que não pode ser dito, e que é precisamente por isso que Lacan *não* fala em palavra mas em significante, para não ter que se haver com um místico impossível de verbalizar, que nada tem a ver com o real como ele o define. Diga-se de passagem, não existe “além do significante”, como não existe “além da linguagem”, visto que é a linguagem mesma que cria o seu além. A falha da linguagem em alcançar o referente é o próprio objeto *da* linguagem, e este é o único real lacaniano *stricto sensu*.

Continua o texto arcáico que comento:

Diríamos que a descoberta de Freud é a verdade de que a verdade nunca perde seus direitos [...], mas para afastar qualquer equívoco, convém articular que esse registro da verdade [a verdade se registra, se escreve] deve ser tomado *ao pé da letra*, isto é, que a determinação simbólica [...] deve ser considerada, antes de mais nada, um fato de sintaxe [de sintaxe, não de semântica]. Dessa determinação simbólica, a *lógica combinatória* fornece a forma mais radical, e é preciso saber renunciar à exigência ingênua que pretenderia submeter sua origem às vicissitudes da organização cerebral que ocasionalmente a reflete.

A combinatória significante não se origina no sistema nervoso central. Voltarei a isto a propósito do livro de Gerard Pommier, *Como as neurociências demonstram*

²⁴ Dez anos depois falará da necessidade de se realizar uma “reforma do entendimento dos analistas”. Sobre isso meu “O fracasso de Lacan (em ensinar a psicanálise)”, em <https://ricardogoldenberg.com.br/2017/03/12/o-fracasso-de-lacan-primeira-aula/>

a *psicanálise*,²⁵ muito elogiado pelos adeptos a uma legitimação “científica” da psicanálise e que uma espirituosa amiga francesa chamou de “como as neurociências desmontam a psicanálise” (em francês está mais perto: *démontrent / demontent*). Mas, para antecipar, continuo com este primeiríssimo Lacan:

A linguagem, [o homem] a recebe, e para sustentá-la mergulha nela muito mais do que sua alma: seus próprios instintos, cujo fundo só ressoa nas profundezas por repercutir o eco do significante. Aliás, quando esse eco retorna o orador deslumbra-se com ele.²⁶

Ora, se preferirem o ultimíssimo, aquele da segunda clínica, que teria elevado o real em detrimento do simbólico, este define a pulsão no seu seminário XXIII, de 1976. Define a pulsão, essa que nos dizem que está dentro do corpo e que explica o gozo dos pacientes, a pulsão seria “o eco no corpo do fato de que há um dizer.” E o que é um eco? O reflexo de uma onda sonora que regressa sobre o emissor. Vocês lançam: “babaca!” frente a uma montanha, e esta devolve: “babaca... babaca”. Parece que a montanha responde, mas o som se origina fora dela, em vocês. Na definição de Lacan, vocês são o muro contra o qual a voz rebota, e a voz é a voz do Outro, com maiúscula — mais precisamente, o “significante”, em 1956 e o “dizer”, em 1976. Isto é, o mais interior, o mais biológico, o mais natural e dado, o instinto ou a pulsão, é no Outro que se origina. Vocês e este Outro estão em continuidade topológica, como numa garrafa de Klein, mas se insistem em manter a oposição dentro-fora, pois, então, a pulsão vem de fora. Preciso lembrar qual é seu matema, escrito pelo Lacan ultrapassado, o da primeira clínica?²⁷

E por falar em matema, diz Lacan naquele velho texto:

a ordem simbólica so é abordável por seu próprio aparelho. Pode se fazer álgebra sem saber escrever? Do mesmo modo, não se pode tratar do mínimo efeito de significante, nem se por à sua altura, sem pelo menos desconfiar do que está implicado num fato de escritura [...] Nada em vocês tem valor senão a combinatória em que o gigante Gulliveriano da linguagem recupera sua estatura, ao ser subitamente liberto das amarras da significação.²⁸

²⁵ Pommier G. *Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse*, Paris: Flammarion, 2004.

²⁶ *idem* p. 470

²⁷ Preciso: ($\$ \Leftrightarrow D$) Os parêntesis indicam tratar-se da unidade da relação entre o sujeito, efeito de significante e a demanda do Outro que, obviamente, está composta de significantes. Nada de corpo ali.

²⁸ *Idem* p. 471.

Vamos desmontar este parágrafo. A linguagem só é abordável mediante a linguagem, não mediante radiografias, tomografias, encefalogramas, ressonâncias magnéticas, hemogramas ou qualquer coisa que o valha. Não se pode fazer álgebra sem saber escrever, e a escrita se faz com letras e com signos que não tem nenhuma significação, além da convencionalizada pelas regras. Enfim, “nada em vocês tem valor senão a combinatória em que [...] a linguagem recupera seu tamanho ao ser liberta das amarras da significação.” Não é esta ou aquela coisa, mas *nada* em vocês, em vocês como analisantes, evidentemente, tem valor a não ser a combinatória.²⁹ Finalmente, é ao ser liberada da significação que a linguagem em psicanálise recupera a sua estatura. E onde foi que a perdeu? Quando foi que a linguagem se apequenou? Quando começou a ser tratada como hermenéutica ou como narrativa, como insistem em fazer colegas e professores, que acreditam estar dizendo o mesmo que Lacan, quando afirmam em seu nome exatamente o contrário.

Continuo lendo:

[O tratamento do sujeito pelo significante confere à psicanálise] seu lugar no grupo que se afirma como ordem das ciências conjecturais. Pois a conjectura não é o improvável: a estratégia pode ordená-la como certeza. Do mesmo modo, o subjetivo não é o valor do sentimento com que o confundem: as leis da intersubjetividade são matemáticas.

E o que lemos aqui? Que a *conjectura*, ou seja, a hipótese, não é opinar qualquer coisa, não é um “achismo”, mas uma estratégia para agir. É esta ação que prova ou não a conjectura. Está se referindo à “teoria dos jogos”. Leia o artigo sobre o tempo lógico³⁰, aquele dos 3 prisioneiros que para poder sair em liberdade devem adivinhar a cor do disco que levam pregado nas costas. A certeza de cada um deles sobre a cor do disco que porta depende do modo como cada qual interprete o comportamento dos outros dois jogadores, mas se a dedução do que os outros vêem feita a partir do que fazem for correta, ele terá certeza no fim sobre a cor do seu disco. Porém, só poderá deduzir o raciocínio

²⁹ Não é por acaso que o texto que abre a recopilação dos *Escritos*, condensado da doutrina lacaniana, é o *seminário sobre “A carta roubada, de Poe”*. Nele Lacan introduz o aparelho combinatório do significante em questão e mostra como funciona, sem dever nada ao significado.

³⁰ Lacan J. “Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée, un nouvel sofisme” in *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. E a minha desmontagem deste texto: https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2014/08/tempo-logico_ricardo-goldenberg.pdf

dos adversários, necessário para concluir, se for capaz de pensar uma estratégia lógica para interpretar seu comportamento. O comportamento em si não se pode entender sem isso que Lacan está chamando “a combinatória significativa”. Mudar um peão de uma casa para outra no tabuleiro implica em executar uma estratégia, que deve ser adivinhada pelo adversário, para ele poder alterar o resultado do jogo. É isto a conjectura. Ela pode não ser verdadeira e o desfecho não ser o desejado, mas a conjectura é precisa. Não é chute. A exatidão e a verdade não ficam do mesmo lado. Que a meteorologia me informe da probabilidade de chuva de 46% amanhã é exato, mesmo assim não tenho como saber se vai chover ou não.

A “teoria dos jogos” é um ramo da *matemática aplicada* (não é matemática pura), nela o jogador é despojado de todas as suas características, reduzindo a subjetividade à pura noção de posição. Todo movimento é calculável segundo a posição do jogador e a meta do jogo. Aquele não passa de um lugar no interior de um sistema de relações regado. A teoria dos jogos estuda situações estratégicas onde jogadores escolhem diferentes ações na tentativa de melhorar seu retorno: pode tratar-se de jogar damas ou de investir na bolsa. Aliás, no seu início foi desenvolvida como ferramenta para compreender o comportamento dos agentes financeiros. Em economia procuram-se estratégias racionais em situações em que o resultado é aleatório e não depende só do raciocínio próprio de um agente e das condições de mercado, mas também das opções escolhidas por outros agentes que possivelmente têm estratégias diferentes e objetivos comuns ou estratégias semelhantes e objetivos opostos.

Obviamente, o cálculo de probabilidades, a estocástica, é peça essencial, haja vista que, na vida real, diferentes estratégias dão origem a um número imenso de variações, impossibilitando o tratamento exaustivo de todas as possibilidades. A teoria dos jogos se desenvolve *pari passu* com a cibernética, ao menos desde a publicação em 1944 de *Theory of games and economic behavior*, de Von Neumann e Morgenstern.

A partir de 1970 passa a ser aplicada ao estudo do comportamento animal, os biólogos —darwinistas eles— usam a teoria dos jogos para analisar a evolução das espécies por seleção natural. E mais recentemente vem sendo aplicada nas

ciências políticas e militares, na ética, na filosofia e até no jornalismo, para o cálculo da notícia mais impactante no melhor lugar do jornal que, por acaso, se chama “furo”. O objetivo não é responder a “como devo agir?”, mas ajudar a ordenar um pensamento estratégico, e por isso é fartamente aplicada no cálculo político. Ou vocês acham que Lula e sua turma, e Temer e a dele agem por sentimentalismo quando realizam cada movimento e decidem ou não vazar os resultados para a imprensa? No jogo de Lacan dos 3 prisioneiros, os interesses próprios e racionais prejudicam a solução para todos, já que se a conjectura não contar com o raciocínio dos outros, o problema vira insolúvel.

Chamar as ciências sociais de ciências conjecturais pode entender-se como uma forma de romper a barreira que separava as ciências ditas “naturais”, que seriam a Ciência, em singular e com maiúscula, das ciências humanas³¹, que não seriam demasiado “científicas”, digamos. Entusiasmado com as possibilidades da linguística estrutural e com a antropologia de Levi-Strauss, o psicanalista prefere falar de “ciências exatas”, como a física e a matemática, por um lado e de “ciências conjecturais”, por outro. A questão é: o que cabe deste outro lado? Sugiro que onde há sujeitos implicados faláremos de ciências conjecturais e onde não há, como na física ou na matemática puras, faláremos de ciências exatas. Entretanto, talvez isso mude a partir de “Ciência e verdade”³², aula inaugural de um seminário dedicado a “O objeto da psicanálise”, de 1966, onde tomando o exemplo da mecânica quântica, essencialmente probabilística, sugere que todas as ciências são conjecturais, incluídas as matemáticas.

Mas, voltando ao dilema dos três e seus discos identificatórios, o essencial daquele trabalho, que passa despercebido sempre, é que a lógica, quando pensada sem *parlêtres*³³ implicados, ou seja, de um modo puramente abstrato, é uma, mas quando há *parlêtres* implicados, é outra. Duas lógicas diferentes. Sou da opinião de que haveria que garantir para a Psicanálise, em singular e com

³¹ Invenção de Dilthey, seguindo Hegel (“Crítica da Razão Histórica”)

³² Lacan J. *Escritos, op. cit.*

³³ De *parler*, falar e *être*, ser. Lacan inventou este neologismo para substituir o inconsciente freudiano. Eu o estou utilizando para evitar os problemas de dizer pessoa, indivíduo, sujeito ou ser falante. Simplesmente estou me referindo a pessoas que falam e escutam interagindo, como durante uma análise.

maiúscula, a mesma distinção que existe entre matemática pura e matemática aplicada. Lembrando que, para nós, não há outra psicanálise aplicada a não ser aos pacientes que falam e escutam.³⁴

Depois de ter resituado a teoria desta sorte, Lacan se propõe verificar em que se transformou o legado de Freud. E dedica o último terço do seu artigo a falar da política institucional da psicanálise, desde 1912, quando a Associação Internacional foi fundada, até 1956, o momento em que escreve. Mas eu não vou segui-lo ali.

Duas (ou três) palavras sobre epistemologia

E para nós é o bastante que a gravidade realmente existe.
Isaac Newton, 1687³⁵

Deus não está morto na academia, ele retornou à vida e está vivo e bem em sua última fortaleza acadêmica, os departamentos de filosofia.³⁶
Quentin Smith, 2005

Procuo demonstrar a mestres, universitários e históricos que um outro discurso, diferente do deles, acaba de aparecer. Como só existe eu para sustentá-lo, eles julgam poder livrar-se dele prontamente ao mo atribuir, mediante o que arrumo uma multidão a me escutar. Multidão que se engana, pois trata-se do discurso do analista, que não esperou por mim para se instaurar. Mas isso não quer dizer que os analistas saibam disso. Não se escuta o discurso do qual se é pessoalmente o efeito. O sentido de um discurso nunca é proporcionado senão por outro.

Jacques Lacan, 1967

Em 1956 era tudo mais simples, havia uma única instituição psicanalítica que representava a Psicanálise (a única), cuja doutrina era a condição de possibilidade

³⁴ Cf. meu trabalho “Conjetura para un campo de gozo en psicoanálisis”, em <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/campo-versiocc81n-del-congreso.pdf>

³⁵ Newton I. *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, Livro III, qualquer edição.

³⁶ Quentin Smith. *Epistemology: New Essays* (Editor) Oxford: Oxford University Press, 2008

de que houvesse psicanalistas. E Lacan o era por estar nela e se dava ao trabalho de por a teoria em um paradigma diverso do de Freud, de nenhum modo para fundar outra escola, mas para devolver à psicanálise (a única) seu poder subversivo, perdido pelas razões elencadas acima.

Um artigo escrito em meu benefício³⁷, sustenta a tese de que “a epistemologia lacaniana envelheceu e não foi bem sucedida, sua ontologia sim.” Comentei em outro lugar extensamente sobre a ontologia de Lacan³⁸ e não vou refazer o percurso aqui, mas no que concerne à epistemologia preciso dizer que estou de acordo com meu crítico. A epistemologia de Lacan virou obsoleta, na medida em que foi soterrada e descartada pela “virada naturalista em ciência”, como a denomina Adalaida Ambrogi, que rivaliza com a virada linguística e formalista anterior a ela.

O naturalismo é um movimento acadêmico e filosófico americano ao qual recentemente [1999] aderiu uma considerável parte da comunidade de filósofos da ciência. Um dos efeitos desta adesão tem sido o surgimento de um novo consenso na disciplina, uma transformação [...] que encontra no fracasso do modelo formalista e fundacional da filosofia pós-kuhniana motivação suficiente para tentar proporcionar, finalmente, uma alternativa a ele.³⁹

E Antonio Castorina:

Quando se reconstrói a história do movimento de naturalização, cita-se o impacto na filosofia do século XX da teoria da evolução de Darwin, posteriormente foi reconhecida a epistemologia histórica de Kuhn, inclusive a teoria biológica do conhecimento de Lorenz. *A epistemologia naturalizada é hoje hegemônica.*⁴⁰

A maioria dos professores “moderninhos” (como diria certo colunista da Folha de SP) estão possuídos pelo espírito neonaturalista da nossa época, o mesmo que reduz todo o *Geist* humano aos genes e a matéria àquilo que se pode tocar, cheirar, pesar e medir. Essa é a modernidade reivindicada sobre o arcaísmo

³⁷ Dunker C. https://www.academia.edu/31718724/_2017_O_Esquecimento_da_Ontologia_e_as_Tendências_Metaf%C3%ADsicas_do_Lacanismo_Contemporâneo.docx

³⁸ <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/02/qual-metaficc81sica-para-a-psicanacc81lise.pdf>

³⁹ Ambrogi A. *Filosofía de la ciência: el giro naturalista*. Palma: (Editor) Universitat de les Illes Balears, 1999.

⁴⁰ Castorina A. Castorina A. “*Los modelos de explicación para las novedades del desarrollo*” file:///Users/RDG/Downloads/1078-1-3689-1-10-20141024.pdf

formalista de Lacan. Modernidade definida por Adalaida Ambrogi, pasmem!, como um “retorno”. Um retorno: do naturalismo ao formalismo e: meia-volta, volver!⁴¹

Vejamos qual era a posição de Lacan que nos dizem superada. Na aula inaugural dedicada a definir a epistemologia da psicanálise, podemos ler:

[...sobre a] posição da psicanálise, dentro ou fora da ciência, temos indicado que essa questão não poderia resolver-se sem que seja modificada nela a questão do objeto da ciência como tal.

O objeto da psicanálise não é outro a não ser a função que desempenha nela o objeto *a*. O saber sobre o objeto *a* seria então a ciência da psicanálise? É muito precisamente a fórmula que se trata de evitar, haja vista que esse objeto *a* deve inserir-se na divisão do sujeito por onde se estrutura o campo psicanalítico.

Por isso era importante promover primeiro, e como fato que deve diferenciar-se da questão de saber se a psicanálise é uma ciência (se seu campo é científico), esse fato precisamente de que a sua praxis não implica outro sujeito senão o da ciência.⁴²

O que ele diz? Em primeiro lugar, é inútil falar sobre o status da psicanálise sem antes mudar o que se entende como “objeto da ciência *enquanto tal*”. Não desta ou daquela ciência, mas da ciência (singular); do modo “científico” de se abordar um objeto, qualquer objeto. E esta é uma das coisas que nos dizem os modernos que não se pode mais fazer: agora há ciências, plural, e cada uma tem seu próprio objeto e o aborda de um modo determinado. Impossível generalizar. Em segundo lugar, se trata de modificar o que a psicanálise mesma acreditava ser seu próprio objeto de pesquisa (em francês: *sujet*) e assim fazendo ela poderia servir para repensar o que significa ocupar-se “cientificamente” de um objeto qualquer.

Segundo parágrafo: “o objeto da psicanálise [...é] a função que desempenha nela o objeto *a*”, mas, a psicanálise *não* seria a ciência do objeto *a*. Essa, esclarece, “é a fórmula que caberia evitar”. E por que?, porque o campo psicanalítico, como disciplina, está estruturado pela divisão do sujeito pelo significante. É ali que este objeto, *inventado* por Lacan, deve ser inserido.⁴³

⁴¹ “Eu vejo o futuro reproduzir o passado” (Cazuza, “O tempo não para”)

⁴² Lacan J. “A ciência e a verdade”, in *Escritos*. Esta é a aula de abertura do seminário de 1965 *O objeto da psicanálise*.

⁴³ Estou ciente de não ter desenvolvido nem mais ou menos o conceito fundamental de objeto *a*, mas, além de ser algo que estou trabalhando e do qual não termino de me apropriar para poder falar sobre isso de um modo consistente — sem repetir, como um papagaio, aforismos sobre ele, que já sei de cor —, além disso, me interessa chamar a atenção para o conceito em que Lacan é pior lido: o de significante.

Parágrafo final, antes de discutir se este campo é científico ou não deve-se entender que o único sujeito implicado na praxis psicanalítica é o “sujeito da ciência”. Como acabo de observar, o que nós denominariamos objeto de uma disciplina, seu tema, aquilo de que se ocupa, em francês se diz *sujet*, sujeito. Ora, ao dizer que a praxis psicanalítica implica o “sujeito da ciência”, Lacan sintetiza várias ideias. Em particular, a seguinte: a nova modalidade de fazer ciência que começa no século XVII comporta a separação entre saber e verdade; esta cisão faz possível a invenção da psicanálise. Como “praxis” quer dizer a posta em prática, a realização de uma teoria, o que Lacan parece estar está dizendo, em suma, é que a psicanálise seria um teoria cujo método se aplica a um objeto que ele denomina “sujeito dividido” ou “sujeito da ciência”, e que entender isto é a condição para abordar o problema geral do objeto da ciência moderna. Tenho a impressão de que Lacan esteja dizendo também que, assim compreendida, a psicanálise permitiria interrogar a ciência de um modo inovador —ela poderia fazer avançar a epistemologia de uma maneira inesperada para cientistas e filósofos da ciência.⁴⁴ Esta porta, os professores que dão por perimida a epistemologia lacaniana, a fecham com quatro voltas de chave.

Muitos psicanalistas da atualidade adotaram a ideologia das neurociências como paradigma, e cabe perguntar-se, assim fazendo, qual psicanálise escolheram? Uma que teria constituído seu objeto próprio como ciência do mental ou psíquico? Ou uma psicanálise que se refere ao “sujeito da ciência”, cuja divisão pelo significante está suportada pelo objeto *a*? O livro de Gérard Pommier *Como as neurociências demonstram a psicanálise?* é, neste sentido, representativo.

Examinemos ainda o paradigma ultrapassado de Lacan:

[...] o que se trata de reconhecer em primeiro lugar é que [o que Freud denomina primário] está desde o início e antes de mais nada tecido como linguagem. Por isso insisto em voltar a levá-los ali, e por isso, também, aqueles que vos prometem, vos tentam com a síntese da psicanálise e da biologia, o que eles demonstram, quando chamam vossa atenção para o fato de que não há absolutamente nada que se tenha feito nesse sentido, o que demonstram é

⁴⁴ Alfredo Eidelsztein, em seu seminário, e Martín Krymkiewicz e Ricardo Cuasnicu, em um curso, estão trabalhando nisso, neste momento, em Buenos Aires.

que se trata de um chamariz. Nós iremos mais longe ao afirmar que, até nova ordem, prometer isso é um estelionato.⁴⁵

Lacan não mede as palavras: prometer a síntese da psicanálise e da biologia é *um estelionato*, diz. Seu aluno Pommier parece não concordar ou se importar com isso.

A propósito de todo um campo das atividades chamadas científicas, em certa época histórica, este objetivo de redução denominada materialista merece efetivamente ser tomado pelo que é, a saber, sintomático. Tinham que acreditar em Deus! eu diria. E, na verdade, é tão certo que toda esta construção chamada materialista ou organicista, em medicina, é muito bem recebida pelas autoridades espirituais. No fim das contas isso nos remete ao ecumenismo.⁴⁶

Com o apelo ao orgânico estes colegas tomam a linguagem como algo objetivo, que funciona ao mesmo tempo nos registros do orgânico e do psíquico⁴⁷, e temos o paralelismo psico-físico de Fechner tudo de novo, apenas um pouco mais atualizado. É isso que propõem, uma metapsicologia neuro-psicanalítica. Mas, como dizia o primeiríssimo Lacan, em 1953, se a originalidade da psicanálise está “nos meios de que se priva, é porque os meios que reserva para si bastam para constituir um domínio cujos limites definem a relatividade das suas operações.”⁴⁸ Ou seja, temos um campo próprio e não devemos nada ao campo dos outros. A cientificidade de uma disciplina não se prova nem se desmente pela cientificidade de outra. Da esperança de Pommier de que os neurocientistas finalmente justifiquem a psicanálise⁴⁹, podemos deduzir que pensa ambas disciplinas compartilhando um campo em comum.

Que a maioria dos lacanianos tenha abandonado a concepção de ciência e de psicanálise de Lacan —que poucos seguiam, por outra parte, como ele mesmo não para de reclamar durante mais de vinte anos—, e estejam percorrendo o

⁴⁵ Lacan J. Aula de 30/04/1958

⁴⁶ Lacan J. Aula de 15/11/1967. Lembro que ecumênico vem do grego *oikoumene*, “mundo habitado”, ou seja, “tem para todos”. O ecumenismo é a procura da igreja cristã por uma unidade de pensamento entre todas as religiões (sob a égide do cristianismo, claro).

⁴⁷ “A grande palavra ‘simbolização’”, escreve Pommier no seu livro (p. 26), “significa que um som se define por outro som, operação que pode denotar certa coisa.”

⁴⁸ Lacan J. “Função e campo...”, de 1953. Em *Escritos*, op. cit.

⁴⁹ A psicanálise ainda precisa ser justificada e reconhecida, e espera-se esta redenção dos verdadeiros cientistas. Deste lado do Atlântico, o argentino Sergio Rodriguez entoa a mesma toada.

mesmo caminho da filosofia da ciência atual, não parece surpreendente. Não o seguiam quando estava vivo e lhes falava de viva voz, por que o seguiriam 30 anos depois de morto?⁵⁰

Vejam, em todo caso, um pouco mais de perto qual era a posição de Lacan respeito do que deveria ser o lugar da psicanálise em relação à ciência, comentando o que ele tinha a dizer sobre a biologia científica, como paradigma a ser repensado, representada por Pavlov. Ele menciona o biólogo russo em 1956, como já citei, e depois em 1958 e 1959, e ainda em 1964 e 1967. Faço observar que o que tem a dizer sobre a teoria de Piaget, que ele denomina “psicologia alpina”, responde ao mesmo problema.

Sigo, no que direi a seguir, um artigo excepcional de Marie-Claude Thomas denominado “Psicanálise esquizofrênico?”⁵¹, dedicado a criticar o mencionado livro de Pommier. Este livro, escreve, “chega na etapa atual de uma longa história que remonta pelo menos até 1913, ao artigo que John Watson publicou na *Psychological Review*, ‘Psychology as the Behaviorist Views it’”.⁵² Há ali um projeto de “naturalização do espírito”, dedicado a contradizer a novidade do método freudiano, recém apresentado aos americanos naquela época. Para ele se tratava de uma guerra, “*the battle of Behaviorism*” (*A Batalha do Comportamentalismo*), título de um livro publicado em 1927.

Haveria que ler, ou reler, *O Comportamentalismo*⁵³, continua Thomas, para localizar o mal-entendido inicial sobre o qual repousa a construção sem cessar prorrogada de dois campos opostos, que reclamam para si o mesmo objeto de enfrentamento, a mesma aposta, em poucas palavras, um mesmo ponto por comparar e por disputar-se. Imaginariamente.

E tal seria o caso com o livro de Pommier, quando de saída anuncia: “Coloca-se uma pergunta cada vez com maior insistência: pode-se ter duas

⁵⁰ Dediquei um curso a falar do “Fracasso de Lacan”, sigam o link que indico e depois me dirão. Aqui, mais uma vez, vai meu reconhecimento a Alfredo Eidelsztein. Não fiz outra coisa que me inspirar na sua leitura. Para o curso: <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/o-fracasso-versacc83o-minicurso.pdf> E <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/o-fracasso-segunda-aula2.pdf>

⁵¹ Thomas M-C “Psicoanálisis esquizofrénico?” in *Me cayó el veinte*, Revista de Psicoanálisis, No 19: “Condanzación”. México, primavera de 2009, p. 93.

⁵² “A psicologia como um Comportamentalista a vê”

⁵³ de 1925.

aproximações diferentes, e inclusive contraditórias, *sobre um mesmo fenômeno?*⁵⁴

O “mesmo fenômeno” em questão seria, segundo o lacaniano, “o mental”. O mental abordado ora pelo seu lado orgânico (cerebral), ou pelo seu lado psíquico —o que confere a esse mental o estatuto de um objeto sempre dado de antemão, natural.

Vale lembrar, antes de continuar, que a “pulsão” era, para Freud, explicitamente “um conceito fundacional *convencional*”.⁵⁵ Mas, para que as neurociências demonstrem a psicanálise, Pommier deve estrategicamente evitar mencionar isso, porque precisa de uma pulsão convenientemente *biológica*. No que, poder-se-ia dizer, se não segue Freud à letra, o segue bem nos seu espírito, visto que as aspirações de Freud, como as de Pommier para a neurociência, eram que a biologia demonstrasse que a psicanálise era cientificamente respeitável.

Breve desvio pela causa

Marie-Claude Thomas faz observar que Lacan entrou nesta batalha em 1946, armado de sua “causalidade psíquica”.⁵⁶ Mas seu adversário não era Watson senão Henri Ey e sua abordagem organo-dinâmica da loucura: “o jogo dos aparelhos constituídos na extensão interior do tegumento do corpo [...], do meu ponto de vista, escreve Lacan, por mais energético e integrador que seja concebido, descansa sempre, em última análise numa interação molecular dentro do modo da extensão ‘partes-extra-partes’ em que se constroi *a física clássica*.”⁵⁷ A isto, ele opõe o conceito de *imago*, como peça chave para passar de uma causalidade orgânica a uma causalidade material não orgânica, que ele denomina “psíquica”.

⁵⁴ Thomas M-C, op. cit, p. 99 e Pommier *apud* Thomas.

⁵⁵ O “paralelismo psico-físico” é a teoria de Fechner, que Freud seguia. Examinei este assunto com todo vagar na segunda aula dedicada ao Fracasso de Lacan, op. cit.

⁵⁶ “Propos sur la causalité psychique” in *Écrits*, Paris: Seuil, 1966. P. 151.

⁵⁷ Idem.

A tal *imago* devia distinguir-se do Eu freudiano, identificado pelos organodinamicistas como a síntese das funções de relação do organismo com o meio ambiente. Concepção esta que Lacan julgava “bastarda”,

já que uma síntese subjetiva aí se define em termos objetivos [...] Reconhecemos aí a posição de Henri Ey [...] Podemos censurá-lo por ela, quando o preconceito paralelista é tão forte que o próprio Freud, *contrariando todo o movimento de sua investigação*, permanece prisioneiro dele, e quando, aliás, atentar contra ele em sua época talvez tivesse equivalido a se excluir da comunicabilidade científica?⁵⁸

Ao adotar o paralelismo psico-físico de Fechner, Freud contraria “todo o movimento da sua investigação”, mas não podia fazer diferente se quisesse ser aceito pela ciência positiva da sua época. A questão, para a psicanálise, observa Thomas, não é repudiar o “corpo físico”, mas não ancorar a sua causalidade no orgânico. É para isso que vale a pena seguir a *desleitura* lacaniana de Pavlov, a partir da torção que ele, Lacan, tinha imposto ao aparelho psíquico freudiano.⁵⁹

O postulado de Pavlov, alicerce do projeto de naturalização do psíquico no qual se funda todo o comportamentalismo, é a teoria da “caixa preta” no modelo do arco reflexo. Entre o estímulo e a resposta não sabemos o que há, nem precisamos saber. Tem-se ali uma caixa preta, esvaziada do “mental” ou do “espírito”. Pommier compartilha a mesma posição de Watson, na sua tentativa de fundar “cientificamente” a psicanálise, para resgatá-la de um “espiritualismo”, mais ou menos místico. O que está em jogo aqui é a diferença entre *materialismo* e *materialidade*. Voltaremos sobre isto.

Escreve Watson, em seu livro *Behaviorism*, de 1925:⁶⁰

[...] se o espírito age sobre o corpo, então todas as leis da física são inúteis. A ingenuidade nos terrenos da física e da metafísica, dos psicopatólogos e dos psicanalistas se traduz nas seguintes expressões: “Este processo consciente inibe tal ou qual forma de comportamento”; “O desejo inconsciente nos impede fazer isto ou aquilo”. A confusão atual nos vem de Freud. [...]

⁵⁸ *Ibid.* A torção a que me refiro é a que realiza no seminário sobre a ética, em 1960, quando discute o apoio de Freud na biologia.

⁵⁹ E para quem ainda acredita que este debate está ultrapassado, lembro que Eric Kandel, citado por Dunker como exemplo desta concepção contemporânea de ciência, com a qual conviria atualizar a leitura de Lacan, reconhece que o modelo de inscrição da experiência no sistema nervoso central e pavloviano.

⁶⁰ Watson *apud* M-C Thomas

A hipótese inadmissível para Watson, de que o espírito aja sobre o corpo, é efetivamente a freudiana, mas, será que eles dizem o mesmo quando se referem ao que tal do “espírito”? E Thomas continua: “‘A operação do espírito santo da linguagem’, ironizou em algum lugar Lacan, age sobre o organismo a condição de postular que este suposto “espírito” é efeito de uma materialidade, a do significante.”⁶¹ Cito do texto lacaniano de 1946:

Acreditamos assim poder designar na *imago* o objeto próprio da psicologia, exatamente na mesma medida em que a noção galileana de ponto material inerte fundou a física.[Mas a *imago*, da sua parte, é] correlata de um *espaço inextenso*, quer dizer, *indivisível*.⁶²

Se tomarmos como data de apresentação em sociedade do significante lacaniano o seminário de 1955-1956, dez anos antes pensava o objeto da psicanálise como a *imago*. Mas o que interessa aqui é o paralelo com a física, pois é esta, não a biologia, que para Lacan é paradigma de ciência. Nas palavras de Thomas, “do mesmo modo em que a discursividade científica construiu o espaço clássico, o da ciência moderna, Lacan pretende construir o espaço da discursividade mesma, que não é da ordem da extensão (*partes-extra-partes*), e está construído apenas pela pura articulação significante: ‘é o *trans-espaço* da topologia moebiana’”.⁶³

(Dizia acima que no seu livro “Filosofia da ciência: a virada naturalista”, Adalaida Ambrogi define o neonaturalismo adotado na atualidade por psicanalistas, professores e filósofos, como um retorno a um velho paradigma, anterior ao formalismo dos anos 50 e 60 do século passado. O que pode confundir aqui é que Lacan também denominou “retorno” o que na verdade era uma completa subversão do paradigma freudiano. Porque, rapazes, Lacan não era freudiano, e a impossibilidade de reconhecer este fato tem sido o empecílio para tantos dos seus discípulos, não digo aceitar, sequer se aproximar de algumas das ideias mais

⁶¹ Thomas M-C, op. cit. p 100

⁶² Lacan, “A causalidade psíquica”, op. cit. p. 188. Lacan se refere ao “Princípio de Inércia”, de Galileu, que afirma que um ponto material não submetido a nenhuma força externa, está em repouso ou em movimento retilíneo e uniforme. Este princípio, obviamente, não surge da experiência nem da intuição, visto que um movimento retilíneo e uniforme é impossível, mas surge de um “experimento mental”, a partir de uma teoria.

⁶³ Lacan *apud* Thomas.

originais que ele propunha. E não me refiro ao “ultimíssimo”, mas ao “primeiríssimo”. Se não acreditam em mim, vejam o que escreve já em 1946, depois de explicar a diferença entre imaginário e simbólico: “espero que *logo* se renuncie a usar a palavra ‘inconsciente’ para designar aquilo que se manifesta na consciência.”⁶⁴ Pois sim!)

Estava dizendo que o intuito da reflexologia (de Pavlov), base do comportamentalismo (de Watson) e depois das modernas neurociências, era evacuar da ciência o espírito, aquilo que agiria à distância, sem contato entre as partes, e que se denominava vagamente de mental ou psíquico. Essa entidade espectral foi renomeada por Pavlov “reflexo condicionado”, resultado do experimento sobre um cachorrinho, que segregava saliva e sucos gástricos quando escutava o som de um trompete, sem nenhum alimento por perto e sem estar com fome. Lacan “deslê” Pavlov, em 1958, desta maneira:

No fim das contas, o que são os reflexos condicionados? Bem, a existência dos reflexos condicionados depende da intervenção do significante, intervenção em um ciclo mais ou menos predeterminado e inato de comportamentos instintivos. Todos esses sinais elétricos, essas campainhas, luzes [...] são *todos significantes e nada mais*, no sentido em que não apenas são fabricados pelo experimentador, como é ele mesmo que os aciona: aperta um botão ou assopra num trompete.⁶⁵

Acrescento eu, orientado por uma teoria prévia, mediante a qual interroga a “natureza”. Pavlov, o experimentador, o cientista, manipula significantes, não estímulos naturais, “haja vista que o experimento não consiste em associar um signo com uma coisa...”

É propriamente associar um significante com, efetivamente, aquilo que tenho chamado de corte, *a cortadura que se pode fazer na organização orgânica de uma necessidade* —aquilo que se designa por uma manifestação no plano de um ciclo de necessidades interrompidas, e que na dimensão do experimento pavloviano eu denomino o corte do desejo.⁶⁶

O desejo em questão é o desejo de Pavlov como cientista, que se deduz do experimento e da teoria apenas (não confundir com um suposto desejo

⁶⁴ Lacan, “A causalidade psíquica”, op. cit., p. 183.

⁶⁵ Lacan J. *Les formations de l'inconscient* (1957/58), aula de 23/4/58

⁶⁶ Lacan J. *Les fondements de la psychanalyse* (1964), aula de 10/06/1964

inconsciente de Pavlov decorrente da sua fantasia, que só poderia ser conjecturado se este estivesse dentro do campo da psicanálise, concretamente, como analisante de alguém). Isto é de 1964. Em 1967, ocupado em diferenciar a motricidade posta em jogo na montagem neurofisiológica do arco reflexo, do ato que o dispositivo discursivo da análise permite, Lacan volta a referir-se ao fisiólogo russo.⁶⁷

É necessário, diz, que se reconheça nesta intervenção artificial sobre o ciclo instintivo da necessidade do animal, interrompida, primeiro e alterada, depois, é preciso perceber ali a *dit-mension*⁶⁸ —a dimensão da linguagem. Reconhecer isso implica em entender que *o experimentador e o experimentado estão ambos do mesmo lado, na linguagem*. E ali, no experimento pretensamente objetivo, deve-se admitir a *presença do desejo* — neste caso, o de Pavlov, que almeja contradizer o idealismo, o espiritual, mediante o materialismo (Lacan denominava este voto de “*ideologia pavloviana*”). Mas o desejo que anima o experimento está suprimido. E o “verdadeiro sujeito [*sujet*] do experimento”, conclui, “não é o experimentado [a fisiologia do cão], senão o experimentador mesmo, dividido pelo discurso da ciência” (ainda o deslocamento semântico da palavra *sujet*, que equivoca com nossos “tema” e “objeto”).⁶⁹ O objeto do experimento, a fisiologia canina, esconde os modos como o próprio experimentador está incluso em sua pesquisa sem saber. O que o cientista ignora, segundo Lacan, é que ao embarcar no barato da experiência, armado da teoria que pretende demonstrar, pelo motivo que for, ele próprio se vê manipulado pela estrutura mesma da linguagem à qual ele mesmo está sujeito. A opacidade dos motivos que o animam é o que dois anos antes⁷⁰ chamara de “forclusão da verdade como causa na ciência moderna”.

Existe contudo algo mais, que também funciona como causa opaca para o próprio Pavlov: ao montar um dispositivo para sequestrar, mediante a manipulação de significantes, a organização viva do animal —conseguir com um estímulo inadequado à necessidade reproduzir a resposta natural—, ele deseja

⁶⁷ Lacan J. *L'acte psychanalytique* (1967/68), aula de 15/11/1967

⁶⁸ De *dit*, dito.

⁶⁹ Cf. *supra* p. 20

⁷⁰ Cf. “Ciência e verdade”.

“enganar” a natureza; ludibriar o instinto. E Pavlov entra no clube de outros famosos cientistas, como o doutor Frankenstein (Mary Shelley), decidido a enganar a Parca, para trazer a sua amada de volta ou o doutor Jekyll (Stevenson), que espera domesticar seus instintos, não mediante a razão mas pelo intermediário de uma droga da sua invenção.

Esta estimulação artificial está fundada em algo que, no campo da percepção, da realidade, está completamente separado de qualquer objeto de fruição (como terão imaginado, a palavra é *jouissance*). Uma campainha não tem forma, cheiro ou sabor de carne, mas mesmo assim dá água na boca do coitado do bicho. E se o chamo de “coitado” é precisamente porque devido a minha condição de *parlêtre* reconheço que foi enganado, como eu próprio o fui, lá trás, quando nasci, pelo A encarnado no Outro. E, remata Lacan: “estruturalista da mais estrita observância, a saber, a observância lacaniana, o que [Pavlov] demonstra ali é muito precisamente aquilo que constitui o significante, a saber, que o significante é o que representa um sujeito para outro significante.”⁷¹ Pavlov demonstra o significante..., não o mecanismo natural da fisiologia. Onde, S1, o som do trompete, representa o sujeito desejante —Pavlov, na ocasião— para S2, o organismo do animal que responde, sem poder fazer nada a respeito. Creio que a satisfação de manipular o corpo do bicho deste modo é o que, na época, Lacan denominava “o gozo do cientista”, comandado por um desejo desconhecido para ele.

O espantoso é que o psicanalista capta no condicionamento do reflexo natural o mesmo mecanismo que age na gargalhada desencadeada por um *Witz*. Há uma relação direta entre um corpo afetado e o significante puro, que nada significa (seria ridículo afirmar que o som do trompete significa a comida, visto que não se trata de uma operação de significação, na medida em que o bicho não pode tomar a palavra para separar-se, para mandar o professor doutor à merda, como mereceria). Lacan se refere ao corpo afetado como um corpo que “se goza”.

Toda a experimentação pavloviana não teria verdadeiramente nenhum interesse se não estivesse dedicada a edificar a possibilidade de captar o efeito do significante sobre um campo, que é o campo do que está vivo, o que não tem outra *repercussão teórica* que a de permitir conceber como, *ali onde está a*

⁷¹ Lacan J. *Idem*

*linguagem, não há necessidade alguma de procurar referência numa entidade espiritual.*⁷²

Percebem o que está em jogo nesta declaração?, que ele, como Watson, tampouco precisa da alma, do espírito ou do mental “entificados” entre o estímulo e a resposta; ele também se livra do psíquico, mas não do modo em que a reflexologia ou o comportamentalismo o fizeram. Estas entidades não lhe são necessárias, nem metafísica nem epistemologicamente.

As hipóteses freudianas de um “aparelho psíquico” baseado na fisiologia do cérebro, permanecem na versão final de *A interpretação dos sonhos*, mesmo depois das modificações feitas, desde o “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1896, com a finalidade de fazê-lo funcionar num espaço virtual: “O aparelho psíquico deve estar construído como um aparelho reflexo”, escreve Freud. “O processo do reflexo continua sendo o modelo de *toda* operação psíquica”.

E Lacan, o suposto freudiano, replica: “Que a análise recorra ao esquema do arco reflexo e construa desta feita algo mental é *completamente inapropriado* quando a sua dimensão é de linguagem”⁷³ Não apenas não é freudiano, como investe todos seus recursos no empreendimento de erradicar da psicanálise o modelo fisiologizante, mantido pelo conceito freudiano de pulsão como *conceito-limite* entre o psíquico e o somático. Digamos que “corrige” o materialismo de Pavlov com seu *motérialisme* (de *mot*, palavra: o único materialismo da psicanálise é o das palavras; e o das palavras é um materialismo). A materialidade do significante é a materialidade de *lalangue*. É o que lhe permite tematizar, escreve Thomas, “um ‘espiritual’ *unébévue*”⁷⁴ Mas qual é progresso do *parlêtre* lacaniano em relação ao cão pavloviano? Que o lugar dos S2, da salivação ou dos sucos gástricos, permanece n’alíngua e sempre equívoco.⁷⁵ Ou seja, o espírito (*l’esprit*, o espirituoso, ou o *Witz*, o engenhoso —que conhecemos como “chiste”, a porta de entrada do inconsciente— querem dizer em francês e em alemão, o mesmo), o espírito não vem dado, ele se produz.

⁷² Ibid.

⁷³ Lacan, aula de 15/11/1967.

⁷⁴ Thomas, op. cit. p. 101.

⁷⁵ É isso que quer dizer “*une bévue*”, aliteração de *Unbewußte*, “um equívoco” (Magno o traduz como “o umbivisto” e Berenstein como “*unembuste*”).

De “O desejo e a sua interpretação”:

Um significante não é uma representação, não vem renomear pos-modernamente à representação denominada “mental” entre o estímulo e a resposta ou motricidade. O significante é o estímulo mesmo, reconhecido pelo que ele é: um dispositivo de linguagem, não linguístico.

A diferença entre o significante lacaniano e o da linguística está em que aquele faz um com o corpo:

Ao significante, para dizer a palavra, somos nós que lhe fornecemos o material [...] com nossos próprios membros —o *imaginário* é isso.

Não disse: “o real”.

Isso é de 18 de março de 1959. Cabe acrescentar que este precipitado de linguagem-corpo, digamos de *lalangue*, só é revelado pela erótica transferencial.

Novamente Thomas:

Se a teoria analítica exclui o mental, a realidade psíquica ou ainda a representação da relação E → R, transformado por Lacan numa metonímica cadeia significante (S → S') *pele fato da associação livre do analisante*, então, a psicanálise não rivaliza com o que as neurociências descobrem sobre o que elas chamam “mental” e seu funcionamento; não precisa ser complementada por elas; não exclui os aportes das neurociências enquanto conhecimentos eventualmente interessantes para o campo freudiano, mas *inaplicáveis a ele*.⁷⁶

O campo da neurociência e o da psicanálise são incompatíveis, díspares, não cabem ambos num mesmo campo unificado, como Pommier quer, e isso precisamente pelo modo como Lacan define a “causalidade psíquica” em 1946 ou, depois, em 1960, simplesmente, a *causa*.

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Graças a esse efeito ele não é causa de si mesmo, leva em si a minhoca da causa que o fende. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta.⁷⁷

Sob a pena de Lacan, o termo “sujeito” prolifera em suas denotações e equivoca nas suas conotações, motivo pelo qual se torna tão difícil de seguir, às

⁷⁶ Thomas, op. cit. p. 102.

⁷⁷ Lacan J. “Posição do inconsciente”, E, p. 835. Neste trabalho, Lacan distingue o “efeito de linguagem”, sincrônico (os elementos da linguagem estão todos lá de uma vez, visto que consistem, cada um, apenas na diferença com todo os outros), do “efeito de fala [*parole*]”, diacrônico, que seria a efetuação da estrutura na língua falado por alguém.

vezes. Aqui, ele está dando o tiro de misericórdia na *intersubjetividade*, na relação de sujeito-a-sujeito, e portanto, na subjetividade *tout court*. Deixa de haver duas pessoas interagindo —uma fala, a outra escuta—; restam apenas um significante e outro veiculados pelas proposições, entre ambos, o sujeito (que não é o indivíduo, nem a pessoa, nem o eu, nem a consciência, nem o *parlêtre*, nem o ser falante, nem o paciente, nem o analista) aparece e desaparece em cada efeito de sentido. Dito de outra maneira: a causa do efeito de linguagem é o significante, e tal efeito de linguagem (da combinatória, do automatismo de repetição, como dizia em 1956) é o sujeito.

Mas a maldição das neurociências que cai sobre Pommier começou antes. Começou com a ex famosa “carta 52” de Freud a Fliess (agora “carta 112”), com o tema dos “traços mnêmicos” de sua nova (em 1896) teoria da memória. Há aqui uma concepção neurofisiológica da linguagem arraigada desde finais do século XIX que foi (e continua sendo) a de uma linguagem em dois níveis: um primeiro nível, basal, de sensações, imagens e impressões (marcas sobre o tecido neuronal: os famosos “traços mnêmicos da primeira experiência de satisfação”), que se associam entre elas, e um segundo nível, superior, que seria a sua abstração ou formalização: o plano propriamente humano da linguagem. Para Pavlov, os sonhos e ataques histéricos eram uma regressão do segundo para o primeiro nível. Os processos primários (princípio do prazer) e secundários (princípio de realidade) de Freud são resíduos desta concepção dicotômica, que Lacan aboliu na *Ética da psicanálise*, em 1960 (mesmo ano do texto que acabei de citar).

Cinco anos mais tarde⁷⁸, a *causa* é novamente posta em questão: já não se trata nem de um aparelho de linguagem com dois níveis de funcionamento, nem tampouco de um mecanismo simples de causa-efeito, mas de uma operação em que a linguagem introduz a causa, o objeto *a*, que faz aparecer e desaparecer, em eclipse, o sujeito causado. Ou por outra, a linguagem faz aparecer no efeito (o sujeito) a lógica de sua própria causa (o objeto *a*).

⁷⁸ Lacan J. *Problemas cruciais para a psicanálise*

Qual psicanálise?

Não é só porque ninguém mais lê ou estuda Lacan, limitando-se a repercutir comentadores de segunda ou de terceira mão, que elucidam o que a esfinge francesa quis dizer, sem jamais citar o que disse. Não é só por isso, mas também porque depois da queda da Torre de Babel Psicanalítica, falar apenas em Psicanálise, em singular e com maiúscula é um risco, senão uma impossibilidade. Christian Dunker está certo em criticar-me o que lhe parece minha adesão ao que ele chama “o mito da unidade da Psicanálise”⁷⁹. Não era, tratava-se apenas de advertir contra a tendência a falar da nossa disciplina como extra-territorial, pau-para-toda-obra, sem definir com cuidado seu campo de atuação⁸⁰. Espero que se me conceda que a psicanálise continua sendo um conjunto de conceitos e não se supõe que cada um os defina ao seu bel-prazer. Nesta galaxia, por não dizer, “balaio de gatos”, em que ela tem se convertido, precisamos escolher uma e eu fiz a minha escolha faz tempo. Inclusive porque se a psicanálise for o que os doutores nos dizem que é, simplesmente, não me interessa.

Vale acrescentar, ainda, que a psicanálise não é nem uma *hermenéutica* nem uma *narrativa*. Tanto uma quanto a outra são reconfigurações de significações, mas o que está em jogo é reduzi-las ao seu ponto significante-insignificante. A “análise de discursos”, usada para pensar a psicanálise como modos de narrar, embora extremamente interessante, não é a teoria do discurso de Lacan. Disse que não era Foucault, tampouco é Pecheux. E em relação ao primeiro, eu sinto falta de trabalhos analisando as divergências, não apenas as conhecidas convergências entre o sociólogo e o psicanalista. Acredito que isso permitiria sair do atoleiro em que os lacanianos entram toda vez que pretendem debater com Butler ou mesmo com Ricoeur o conceito de discurso. Algo para desenvolver em outra ocasião.

Cabe perguntar, isto posto, até que ponto tal psicanálise, que afirmo ter escolhido, é praticável. Quero dizer, é possível uma redução do discurso ao seu puro átomo significante? Único caminho, segundo Lacan, para se atingir algum

⁷⁹ Dunker, op. cit.

⁸⁰ <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2017/03/campo-versiocc81n-del-congreso.pdf>

real, tocando o ponto de torção em que, para tal *parlêtre*, a linguagem se torna paradoxal ao revelar, já não como impotência, a sua impossibilidade em alcançar o referente. Situar este limite simbólico implica em renunciar à procura de algo que esteja fora da linguagem. O contrário, aliás, do que Freud perseguia com seu torturado Homem dos lobos: encontrar aquela representação decisiva para o trauma e que estaria na realidade, fora da linguagem. Para os saudosos deste caso remanjado: Lacan teria preferido reduzir o V de *Vespe*, ou de cinco ou do que for, a sua pura inaniidade de letra sem qualquer sentido, em vez de procurar a qualquer custo a lembrança factual da “cena primordial”, o coito-a-tergo *more ferarum*, cujo sentido explicaria os sintomas porque daria conta da fantasia fundamental do paciente. Reduzir à sua mínima expressão o elemento significante que indica esse além feito de sentido, que não passa de uma miragem, faz com que ele deixe de ser “traumático” e pare de assombrar a vida do neurótico.

Esse seria o horizonte teórico desta clínica tão especial e me pergunto quem de nós banca de fato semelhante aposta. Quem pode afirmar, sem pestanejar, que pratica *esta* psicanálise? Querê-la (ou não) fala do desejo do analista.

O mito a ser desmontado não é, portanto, o da “unidade da psicanálise” de que se me acusa, mas o do “freudo-lacanismo”. E não me venham com que Lacan chamou a sua escola de “freudiana”! Como ia chamá-la, se a Psicanálise (maiúscula) coincidia com a API, e esta tinha-lhe cassado o título de didata e interdito seu direito a formar analistas? Nunca houve a tal “excomunhão”, como ele declarou aos quatro ventos, para dar ares dramáticos à sua decisão de sair da confraria de freudistas, nem tampouco banimento de sua permanência como membro do freudismo: ele fez de sua saída um ato, e se ainda tivesse chamado a sua escola de qualquer outro nome teria se jogado sozinho no ostracismo, nem mais psicanalista ele seria. Tratava-se portanto de um cálculo estratégico para uma política de ensino⁸¹.

⁸¹ Tampouco me venham com que na Venezuela teria dito “Eu sou freudiano, cabe a vocês, se quiserem, ser lacanianos”. Não disse. E Diana Rabinovich, responsável pela publicação das atas do famoso congresso de Caracas, explicou, numa entrevista a Michel Sauval para a revista digital *Acheronta*, que, na correria, publicou não o que Lacan disse, mas o que Jacques-Alain Miller lhe entregou já escrito como sendo o que Lacan diria. Nem preciso mencionar as numerosas acusações de “apócrifos” que pairam sobre os textos daquele último ano, originados do lado de Gritancourt, não?

“Tratava-se de retomar o projeto freudiano pelo avesso”, explicou em 1974. Ou seja, não era o menor regresso, mas uma tentativa de por a teoria em novas bases. “Retorno” mesmo é o que está sendo praticado desde a década de noventa pelos que se acreditam seus verdadeiros epígonos, mas só fazem retomar, sem saber, um paradigma velho de um século. Assim em ciência como em psicanálise, passamos do paradigma biologicista, atrelado a uma concepção ingênua de matéria e de energia —a mesma de “ver para crer” e de “energia boa e ruim” — a uma inversão do seu sentido, após a revolução relativista e imaterialista, que tinha como modelo a física moderna, para finalmente terminar numa retomada do bom e velho paradigma newtoniano e kantiano, agora amparado nos espantosos progressos técnicos da biologia genética e das neurociências. E diria mais, *não é só a epistemologia lacaniana que está perimida, a sua psicanálise também está.*

São Paulo, Julho de 2017

TRABALHO APRESENTADO NO CONGRESSO DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DA BAHIA, “ASSIM CAMINHA A PSICANÁLISE: INDAGAÇÕES DO SÉCULO XXI” 16,17 E 18 DE NOVEMBRO DE 2017